

ACABEM COM ESTA CRISE JÁ

PAUL KRUGMAN, Editora Presença, 2012

“A altura certa para a austeridade é em tempo de fartura e não de recessão”

(Keynes)

“A minha experiência de dez anos na análise económica diz-me que praticamente ninguém quer admitir que esteve errado em relação a algo” (Krugman)

“É muito melhor defendermos aquilo em que acreditamos, e apresentar as razões para aquilo que realmente deveria ser feito, do que tentar parecer moderado e razoável aceitando essencialmente os argumentos do oponente. Tentar o compromisso, sim, se for necessário, sobre as políticas a adoptar – mas nunca comprometer a verdade” (Krugman)

Não sou economista e devo dizer que, de há um tempo a esta parte, se calhar de forma injusta, não tenho boa opinião de muitos economistas, pelo menos daqueles a quem os desígnios de Deus atribuíram a magna tarefa de doutrinarem o nosso povo. Suspeito sempre que, sob a capa da científicidade, nos procuram inculcar os seus valores, a sua concepção do mundo, as suas doutrinas ideológicas e modelar os nossos comportamentos. Por trás da análise económica dita positiva, com pretensão de se afirmar como a ciência social por excelência, espreita, quanto a mim, mais uma inversão do velho Hegel. Já não a máxima “tudo o que é real é racional”, mas uma outra, invertida, “tudo o que é racional” (os modelos económicos derivados do comportamento utilitarista do *homo economicus*) “deve ser real”. Por outras palavras: a economia positiva (que, diga-se de passagem, de pouco serviu para prever a crise, menos ainda para a debelar) é terrivelmente eficaz como economia normativa, pois dispõe de instrumentos importantíssimos para moldar consciências e comportamentos, um dos quais, como bem desvenda Joaquin ESTAFANIA, é o medo¹.

Vem isto a propósito do livro de Paul KRUGMAN, *Acabem com esta crise já.*, editado pela Presença e decentemente dedicado “aos desempregados, que merecem melhor”.

Krugman é, a exemplo de alguns outros, um economista que respeito (e não por ser prémio Nobel), mesmo quando dele, como mero cidadão (que, seguindo o conselho de Joan Robinson, estuda um pouco de economia para não ser enganado pelos economistas), porventura me distancio. E respeito porque merecem respeito os

¹ Cfr. *La economía del miedo*, Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2011. Do medo fala também KRUGMAN, no livro aqui analisado.

economistas que advertiram para a forte probabilidade da crise de 2008-20?? e, mais ainda, aqueles que, procurando encontrar as suas causas, fazem propostas concretas para dela nos fazerem sair, sem caírem naquilo que HA-JOON CHANG chama o pensamento económico simplista (ou mesmo preguiçoso)². Decorre daqui que não tenho idêntico respeito pelos economistas que não previram a crise (alguns, como Greenspan, até com ela se espantaram), pelos que, como ocorre entre nós, a cingiram a simples disfunções ou dificuldades domésticas e, menos ainda, por aqueles que ajudaram a provocá-la ou que persistem, em nome do pensamento económico preguiçoso, em trilhar um caminho (de novo Hegel) que não leva a lado nenhum. Ou seja, que tem desembocado num *cul-de-sac*, trasladando uma crise financeira para uma crise económica, esta para uma grave crise social, a crise social para uma crise institucional (a crise da arquitetura do euro), para uma crise política (a crise das dívidas soberanas, a crise dos mecanismos democráticos), a crise política para...(nem os próprios que a desencadearam e a sustentam porventura, qual aprendizes de feiticeiro, saberão). Uma coisa é para mim clara: esta crise (ou a sucessão de crises que, desde os anos 70 do século passado vimos, assistindo) assume contornos de crise de civilização.

Mas voltemos ao livro *Acabem com esta crise já*, título significativo que, só por si, nos sugere que a crise tem algo de artificial e que tem uma saída política. Além de ser um livro de economia e de política económica (e de crítica ao que o Autor chama de “idade das trevas da macroeconomia”), o livro de Krugman, que convoca temas tão atuais como défice, despesa pública, inflação, austeridade, depressão, crepúsculo do euro, etc., é um livro escrito com boa dose de humor. Por ele pavoneiam-se personagens à procura de um lugar ao sol que, sem grande esforço, evocam figuras (figurões e marionetes) do nosso mercado político e empresarial. E humor em tempos de crise é a coisa mais corrosiva que existe, como semanalmente nos tem mostrado o imperdível Estado de Graça.

Vemos assim um desfile de Pessoas Muito Sérias (as que nos conduziram a todos por um caminho errado), réplicas de Mr. Chance (o jardineiro simplório identificado, num

² In *23 Things they don't tell you about capitalism*, London: Allen Lane (Penguin Books), 2010, pp. XV e 250 (livro a merecer urgente tradução), HA-JOON CHANG considera simplista a ideologia dos economistas do mercado livre cujas “verdades” “are based on lazy assumptions and blinkered visions, if not necessarily self-serving notions” . O livro visa precisamente desmentir 23 mitos da cartilha (ou cassette?) neoliberal.

divertido filme, com um homem sábio que nos lembra uns quantos comentadores televisivos, alguns já saídos do mercado), candidatas republicanas ao Senado que consideram os desempregados como “uns mimados” (já ouvi isto em qualquer lado), banqueiros tresloucados à rédea solta (que nos deixam saudades do banqueiro anarquista de Pessoa), charlatães e grandes mentirosos (estes por cá felizmente não existem...), paladinos de reformas reformados em jogadores de golfe, economistas *ketchup*, economistas de água salgada e de água doce, economistas crentes na Única Fé Verdadeira, economistas que fazem economia *schlock* (sucata), declarações de consultores de que a Grande Recessão era “uma recessão mental” e não “uma recessão real” e que a América se havia tornado numa espécie de “nação de piegas” (acho que também já ouvi isto em qualquer sítio), invisíveis vigilantes, alarmistas do défice e da inflação, pessoas influentes defensoras da “austeridade expansionista”, a fada da confiança, etc. Tudo isto revisitando obras literárias, filmes clássicos, letras de canções, Taj Mahals em Connectitut, situações metafóricas (a cooperativa de *baby-sitting*) e mesmo as leis da física dos desenhos animados.

Sendo os Estados Unidos da América, o objeto principal do livro, Krugman brinda-nos com algumas judiciosas análises sobre a crise na Europa. Segundo o Autor, a Grande Ilusão da Europa reside na crença de que a crise da Europa é essencialmente causada pela irresponsabilidade orçamental (a situação portuguesa talvez seja, segundo ele, uma exceção à regra, mas sobre isto infelizmente não se alonga). Uma irresponsabilidade que obrigaria a sanções punitivas, mesmo que daí decorra, como aconteceu no Japão, uma “paralisia autoinfligida”³. No entanto, um céptico como Krugman, crítico da criação do euro, perante o crepúsculo deste, não defende o rompimento com a moeda única, pois isso acarretaria neste momento custos muito graves. E propõe soluções para defender o euro e, de forma mais global, para atacar a crise, as quais compete ao leitor avaliar. Sublinho, porém, a ideia d que não são soluções de natureza técnica. Em termos que evocam as palavras da President(a) Dilma nas Nações Unidas, o Autor é de opinião que tudo aquilo que está a obstruir a recuperação resume-se a “uma falta de lucidez intelectual e de vontade política” (p. 239).

Termina assim o livro como o havia começado: já no início havia dito que, “infelizmente, não estamos a usar o conhecimento que temos, porque demasiadas

³ Diria que, para o alemão médio (entendendo por tal a nova *Mitteleuropa*) parece que os chamados PIIGS devem expiar a culpa (*Schuld*) como forma de pagar a dívida (*Schuld*).

pessoas influentes – políticos, autoridades públicas e a vasta classe de editorialistas e comentadores que definem a sabedoria convencional – preferiram, por uma série de razões, esquecer as lições da história e a validade das análises económicas de várias gerações, substituindo esse conhecimento arduamente conquistado por preconceitos ideológicos e politicamente convenientes”.

No final fica uma obra bem documentada, bem estruturada e polémica quanto baste. O que é de saudar pois significa o regresso da economia política e deste modo da escolha política democrática como factor de desenvolvimento económico tão menosprezada, desde os anos 80, pelo pensamento TINA (*there is no alternative*), hoje muito difundido entre nós. Um pensamento preguiçoso com os efeitos de um pensamento sem tino.

António Carlos dos Santos

Prof. da UAL